

764

SECRETARIA DA GUERRA

2.<sup>a</sup> DIRECÇÃO GERAL—5.<sup>a</sup> REPARTIÇÃO

---

# Medidas profiláticas contra as doenças infectuosas

I

Instruções contra a peste



---

LISBOA — Imprensa Nacional — 1914

3

RC  
MNCT  
616  
POR



764

SECRETARIA DA GUERRA

2.<sup>a</sup> DIRECÇÃO GERAL—5.<sup>a</sup> REPARTIÇÃO

---

# Medidas profiláticas contra as doenças infectuosas

I

Instruções contra a peste



SECRETARIA DA GUERRA  
DIRECÇÃO GERAL

RC  
HWCF  
616  
POR



# Medidas profiláticas contra as doenças infectuosas

## I

### Instruções contra a peste

A peste pode manifestar-se sob duas formas clínicas principais:

- a) A forma bubónica ;
- b) A pneumonia pestosa primitiva.

A peste humana sob qualquer destas formas é quasi sempre precedida (na Europa pelo menos) pela doença nos ratos, especialmente nas ratazanas.

A doença transmite-se de rato para rato por meio das pulgas dêstes animais, e na transmissão da doença do rato para o homem é ainda a pulga do rato que desempenha o papel de inoculador.

Se entre os casos humanos algum aparece com bubões no pescoço e uma pneumonia secundária, êste pneumónico pode tornar-se o ponto de partida duma *pneumonia primitiva*, e em seguida duma série de casos por contágio pelos escarros.

A pneumonia primitiva é muito contagiosa, mas como o contágio só se faz pelos escarros e gotículas de saliva, o foco é em geral limitado às pessoas duma casa ou às que com ela tem estreitas relações. É por êsse facto uma das moléstias epidémicas mais fáceis de combater.

\*  
\*   \*  
\*

O combate da peste é o combate do rato, e a peste só se instala duradouramente onde a luta contra o rato não se travou ou foi feita apenas durante um curto espaço de tempo.

O combate do rato, que deve fazer-se intensivamente durante o tempo de epidemia, não deve ser abandonado mesmo em tempos normais.

A existência de ratos em edifícios que, como os quartéis, tem uma densa população, é uma ameaça constante contra a vida dos seus habitantes.

Os quartéis devem pois ter em mira guerra inexorável ao rato, e para êste ataque ser útil, deve fazer-se o combate directo contra êste daninho animal, contra as suas provisões alimentares e contra as suas habitações.

O combate directo contra o rato faz-se por todos os meios ao nosso alcance.

Os *venenos* tem o inconveniente de ser perigosos para os animais domésticos e portanto devem ser colocados em lugares só acessíveis aos ratos.

São bons meios de destruir as ratazanas: bolos, figos passados ou pevides, tendo arsénico, massa fosfórica, estriquinina ou sublimado corrosivo.

A scila também é recomendada encorporada em carne. A um quilo de carne crua juntar pó de scila (100 gramas) e essência de anis (xx gotas).

Os alimentos envenenados devem ser colocados nos sítios onde habitualmente se encontram resíduos alimentares de que as ratas se sustentam.

Os cães<sup>1</sup> são um óptimo elemento de destruição de ratos e portanto é de recomendar que nos quartéis haja uma cuidadosa escolha destes companheiros do soldado, por forma a só lá existirem cães rateiros.

Devia não só permitir-se que cada companhia tivesse um ou mais cães (*Bull-terriers*, *Fox-terriers* de pêlo liso e de pêlo rude), mas ainda estimular a selecção desses animais.

O emprêgo de *gases tóxicos* deve ser também preconizado, especialmente para libertar os esgotos das ratazanas que neles vivem em tanta abundância.

Para isso a sulfuração está indicada e também o pro-

<sup>1</sup> A resistência dos cães à peste e a susceptibilidade dos gatos para a mesma doença, contraíndo frequentemente a forma pulmonar, é que deve fazer preferir os primeiros como meio de combate contra os ratos. Claro é que os cães deverão ser lavados amiudadamente com uma solução de creolina, para destruir as pulgas destes animais.

cesso da cloretação que tem dado muito bons resultados em alguns países.

Este processo consiste no seguinte:

Nas bôcas dos esgotos lança-se cloreto de cal diluído ao têrço, e, meia hora depois, deita-se ácido clorídrico diluído ao décimo. A reacção das duas substâncias produz o cloro que, pelo seu pêso, desce até a profundidade dos buracos onde se alojam os ratos e ai os asfixia.

As *ratoeiras* devem ser largamente espalhadas nos quartéis e devem escolher-se de preferência as que apanham os ratos deixando-os com vida.

Com efeito as pulgas, depois dos ratos morrerem, abandonam o seu corpo, e assim não serão destruídas podendo continuar ainda a fazer os seus malefícios.

Das ratoeiras que se podem empregar, a que melhores resultados dá é a ratoeira francesa de rêde metálica. É necessário porê-la usar.

Em primeiro lugar deve tirar-se à ratoeira o cheiro das mãos que lhe mexeram ou dos ratos que já teve, e para isso é necessário defumá-la com papel queimado antes de se abandonar no sítio em que deve ficar. Em segundo lugar é necessário variar de isca e escolher, tanto quanto possível, um alimento a que não estejam habituados. Mesmo que durante dois ou três dias não caia na ratoeira um único rato, não se deve retirar a ratoeira para os deixar habituarem-se à sua presença.

A ratoeira, com os animais que contenha, deve ser mergulhada em petróleo ou em soluto de sublimado a 1 : 100, porque desta forma matam-se os ratos e as pulgas dêstes roedores.

Os ratos apanhados por qualquer dêstes processos, e devidamente molhados nos desinfectantes, serão enviados para os locais indicados pelas autoridades sanitárias, onde se cobrará a importância respectiva que será entregue ao captador ou reverterá a favor da Fraternidade Militar.

Quando num quartel apareçam bastantes ratos mortos sem que se tenha empregado veneno que explique essa mortandade, os ratos serão mergulhados em desinfectante e enviados ao Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, ao qual se pedirá o resultado do exame para serem tomadas as medidas necessárias.

É perigoso apanhar estes ratos mortos ou doentes com a mão; devem apanhar-se com uma tenaz, ou com uma pá, para os lançar na solução de sublimado ou no petróleo.

Além dêste combate directo contra o rato há que lhe cercear tudo quanto possa servir-lhe de sustento, para assim os forçar a ingerir os alimentos envenenados. Deve portanto nos quartéis haver o maior cuidado em arredar dêles todas as sobras do rancho.

Estas medidas de *desratização* devem empregar-se nos quartéis permanentemente, e como os ratos são perigosos, pelas pulgas que os *parasitam*, está igualmente indicado procurar destruir estas.

Para isso as enxérgas, cabeçalhos e mantas, serão a miúdo salpicados de pós insecticidas (pós Keating ou outros).

O pavimento das casernas será lavado com água com *lysol* para destruir as larvas das pulgas, pois que estas se encontram no lixo que se acumula no solo, nas frinchas do pavimento.

\*  
\*   \*  
\*

Além destas medidas outras há a tomar. Assim o *isolamento dos casos de peste*, e especialmente dos de forma pneumónica, é essencial. As pessoas que estiveram em contacto immediato com o doente serão isoladas e mantidas em observação durante pelo menos 5 dias. As que estiveram em contacto com um pneumónico pestoso serão isoladas e immediatamente inoculadas com sôro anti-pestoso em dose elevada (pelo menos (100 c. c.).

No aquartelamento onde se deu um caso de peste será feita a desinfecção pelos métodos ordinários, e especialmente pela Claytonagem, *sem tirar nenhum objecto da casa a desinfectar*<sup>1</sup>.

Claro é que quanto mais cedo se fizer o diagnóstico do caso de peste, tanto mais benéfica será a acção. Por isso, em tempo de epidemia devem considerar-se suspeitos todos os doentes portadores de *enfartes ganglionares* e as afecções bronco-pulmonares.

\*  
\*   \*  
\*

No hospital onde se internem os pestosos haverá enfermarias separadas para os pestosos de forma bubónica,

---

<sup>1</sup> Na falta de aparelho de Clayton.



para os pneumônicos e para os contactos duma e doutra forma.

O pessoal médico, de enfermagem e de desinfecções será vacinado.

Além das precauções habituais adoptadas em enfermarias de doenças infectuosas haverá mais, no isolamento de pestosos, o uso obrigatório de luvas de cauchu, de canhão comprido, e o de uma máscara protegendo os olhos, narinas e bôca.

Quando não há máscara própria, ela poderá ser rápida e economicamente improvisada com uma compressa de gaze, dentro da qual existe uma delgada camada de algodão.

Esta compressa tem duas fitas destinadas a mantê-la, fixada por forma a resguardar narinas e bôca.

Um ponto na parte média e superior da compressa dá-lhe uma forma mais adaptável ao dôrso do nariz. Uns óculos de *chauffeur* completarão a protecção.

Desde que se empregue uma máscara completa tendo à altura dos olhos uma placa de mica, deve esta ser untada internamente com um sabão glicerinado, de forma a não embaciar.

Junto do leito de cada doente haverá um vaso contendo soluto de sulfato de cobre, no qual, com frequência, se lancem os escarros sendo as escarradeiras lavadas em soluto igual.

Todos os pontos contaminados pelos escarros serão molhados com soluto de sublimado a 1 : 100.

As toalhas de auscultação serão esterilizadas, e cada uma delas servirá apenas para um doente.







RÓ  
MU  
LO



CENTRO CIÊNCIA VIVA  
UNIVERSIDADE COIMBRA

\*1329687151\*

7.